

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2023-02-13

Deposited version:

Accepted Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Olivié, I., Rodrigues, L. N., Gracia, M. & Seabra, P. (2022). Conclusões. In Iliana Olivié, Luís Nuno Rodrigues, Manuel Gracia, Pedro Seabra (Ed.), *Espanha e Portugal na globalização: 500 anos da primeira circumnavegação*. (pp. 159-161).: Centro de Estudos Internacionais do ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa.

Further information on publisher's website:

<https://www.realinstitutoelcano.org/monografias/espanha-e-portugal-na-globalizacao-500-anos-desde-a-primeira-circum-navegacao/>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Olivié, I., Rodrigues, L. N., Gracia, M. & Seabra, P. (2022). Conclusões. In Iliana Olivié, Luís Nuno Rodrigues, Manuel Gracia, Pedro Seabra (Ed.), *Espanha e Portugal na globalização: 500 anos da primeira circumnavegação*. (pp. 159-161).: Centro de Estudos Internacionais do ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

Conclusões

Iliana Olivie, Luís Nuno Rodrigues, Manuel Gracia e Pedro Seabra

Neste livro coletivo, verificámos como a primeira circum-navegação consagrou o conceito de globalização no sentido mais lato do termo. Muito embora seja um conceito difícil de definir, e, portanto, difícil de datar, a verdade é que a viagem de Magalhães-Elcano acabou por representar, como explica John Elliott (capítulo 1), a aceleração e ampliação do intercâmbio global de pessoas, bens e ideias. Tal como João Paulo Oliveira e Costa e Juan Marchena Fernández salientam no capítulo 2, os 30 anos que decorreram entre 1490 e 1520 mudaram o mundo para sempre. Durante esse período, ocorreu uma mudança planetária mais abrupta e intensa do que provavelmente qualquer outra das que ocorreram em qualquer outra fase histórica subsequente: o que era plano tornou-se num globo, e o que era terra transformou-se num oceano. Nasceram assim a modernidade e a globalização que nos “construíram” a todos.

Já nessa altura é possível observar um forte paralelismo entre as trajetórias históricas de Portugal e Espanha: dois impérios na Era dos Descobrimentos, que dividiam geograficamente um mundo em crescimento, partilhando inclusivamente uma coroa e a sua posterior decadência. Este paralelo continuou nos séculos XIX e XX, como demonstram Luís Nuno Rodrigues e Óscar J. Martín García no capítulo 3. Embora existam algumas diferenças importantes, tais como os diferentes momentos de descolonização – que no caso de Portugal apenas se conclui na segunda metade do século XX – ambos os países conheceram, quase simultaneamente, movimentos liberais, a perda de parte das suas colónias, períodos ditatoriais, ostracismo na comunidade internacional e o regresso à comunidade internacional (ocidental) através da Organização do Tratado do Atlântico Norte/*North Atlantic Treaty Organization* (OTAN/NATO) e da União Europeia (UE). A história de Espanha e Portugal desde o século XX até à atualidade é assim, em grande medida, o resultado de um contexto que os define: um contexto articulado em torno da NATO, da Comunidade Ibero-Americana, dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) ou da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) mas, sobretudo, de uma UE que se torna o espaço centrípeto no qual ambos os países se (re)configuram política, económica e socialmente (ver o capítulo 4 de Iliana Olivie, Manuel Gracia e Ines M Ribeiro). Mais uma vez, gera-se uma assimetria notável, como o facto de Portugal ter uma forte projeção externa direcionada a Espanha, muito

embora o inverso não se verifique. Em todo o caso, apesar dos dois países exibirem uma forte projeção económica na UE, tal não esgota o seu papel na globalização. Os dados do Índice Elcano de Presença Global mostram também a força dos laços históricos forjados 500 anos antes, a importância de uma projeção militar coordenada no quadro da NATO, a complementaridade das projeções “suaves”, influenciadas pelas suas respetivas histórias coloniais, e a manutenção, até à data, de comunidades linguísticas diferenciadas.

Os benefícios iniciais deste regresso à comunidade internacional são inegáveis, como Federico Steinberg e José Juan Ruiz salientam no capítulo 5, uma vez que as condições de vida da maioria das populações espanholas e portuguesas melhoraram substancialmente no último quartil do século XX: desde um aumento do rendimento per capita até melhorias em termos de desenvolvimento humano, ambos no quadro de um processo de convergência com as principais locomotivas económicas europeias. Contudo, na viragem do século, este processo de convergência começou a encurtar-se e as fraquezas dos sistemas de produção português e espanhol tornaram-se mais evidentes com a Grande Recessão de 2008, tendo-se agravado com o acréscimo recente de desafios ambientais, científicos, tecnológicos e digitais. É talvez na esfera militar que emergem as maiores diferenças entre os dois países. Apesar de partilharem um quadro multilateral comum, a presença militar espanhola é mais extensa geograficamente, ainda que mais limitada em volume e recursos, como Félix Arteaga e Pedro Seabra descrevem no capítulo 6, enquanto que a presença militar portuguesa é mais restrita nos seus objetivos e campos de ação. Por último, são as diferenças entre Espanha e Portugal em termos de participação na globalização “suave” que os tornam ambos semelhantes, como mostram Ángel Badillo e Clara Carvalho no capítulo 7. É visível, uma vez mais, a importância da UE para dois países que procuram apresentar-se perante a comunidade internacional como uma ponte entre o Norte e as atuais organizações regionais dos seus antigos espaços coloniais – a CPLP no caso de Portugal, e a Comunidade Ibero-Americana no caso de Espanha. Outra característica em comum consiste na articulação da projeção externa “suave” em torno das suas respetivas línguas.

A análise proporcionada por estes capítulos permite-nos chegar a cinco conclusões gerais. Em primeiro lugar, é possível afirmar que a História nos levou à Geografia. Se os autores deste volume editado partem de História, Política, Economia, Sociologia, Cultura, Tecnologia ou Relações Internacionais para tentar explicar como Espanha e Portugal se encontram localizados nas diferentes fases do processo de globalização, em todos os capítulos, o ponto

de chegada foi, talvez como para os primeiros circum-navegadores, a Geografia. Com efeito, a Espanha e Portugal dos últimos 500 anos foram e são, em grande medida, o resultado da sua História e da sua Geografia, num processo simbiótico em que a Geografia também definiu a História. Para citar apenas um exemplo, o facto de Portugal se projetar atualmente em África e Espanha na América Latina resulta, em parte, do Tratado de Alcáçovas-Toledo e do Tratado de Tordesilhas. São, para além disso, uma História e uma Geografia – como todas – repletas de acidentes e de oportunidades. Em bom rigor, a América acaba por representar um grande acidente geográfico que se interpôs no caminho das especiarias.

Em segundo lugar, como já referido, a primeira circum-navegação transformou o “mundo terrestre” num “mundo marítimo”, mostrando uma vez mais que os epicentros da atividade global são os mares: primeiro o Mediterrâneo, depois o “Mediterrâneo asiático” na Era das Especiarias, seguido pelo “Mediterrâneo Atlântico” – que se consolida numa época em que Espanha e Portugal se encontravam concentrados em si mesmos – e depois de volta ao “Mediterrâneo asiático”, ou Pacífico, com um papel mais passivo de Portugal e Espanha na globalização.

Em terceiro lugar, após se transformarem primeiro em impérios, depois em estados-nação, e finalmente em estados membros, a verdade é que Espanha e Portugal limitam-se, por norma, à coexistência entre si. Isto significa que raramente entram em conflito, mas também que raramente cooperam – ver, por exemplo, a desconexão entre as redes Camões e Cervantes descrita no capítulo 7. Dito de outra forma, nas palavras de John Elliott: “Em geral, Portugal e Castela tiveram a sabedoria de transformar os seus dois impérios ultramarinos em entidades distintas, mas complementares e não competitivas”. Ou, mais recentemente, quando ocorreu uma “convergência” entre dois países, no decurso das transições para a democracia, como salientam Luís Nuno Rodrigues e Óscar J. Martín García, seguido da complementaridade nas atuais formas de projeção externa.

Em quarto lugar, na sua coexistência, são ainda assim semelhantes. Uma trajetória histórica e localização geográfica similares ao longo dos últimos séculos explica o facto de serem hoje dois países da periferia ocidental da Europa que procuram aproximar-se do novo centro ou centros de poder. Os seus pontos fortes e fracos são, portanto, também semelhantes, bem como os desafios que enfrentam no século XXI. Estes desafios relacionam-se com as dificuldades de se posicionarem num mundo cujo epicentro se deslocou temática e geograficamente e numa Europa que tem cada vez mais dificuldade em convergir em si

mesma, como mostram Federico Steinberg e José Juan Ruiz. É possível falar assim de uma convergência na divergência não só no seio da Europa como também num sistema global mais vasto.

Em quinto e último lugar, pese embora a redundância, a globalização ocorre num espaço global que não é nem neutro nem exógeno. É moldado pelos seus co-protagonistas. Se nos séculos XVI e XVII Espanha e Portugal figuravam entre os líderes deste processo, tal já não ocorre na atual fase de globalização, forjada nos anos do século XX, num momento em que os dois países se encontravam concentrados nos seus problemas internos.

Algumas recomendações ou reflexões em termos de ação externa e políticas públicas podem emergir destas conclusões. A primeira é que Espanha e Portugal devem saber responder às suas fragilidades particulares no quadro atual da globalização, mas também às fragilidades do próprio processo de globalização. Estas podem incluir pandemias (com as suas consequências ao nível da tecnologia, ciência, multilateralismo ou desenvolvimento), crises financeiras e económicas internacionais (com implicações na resiliência económica e produtiva) e conflitos internacionais (que requerem uma presença e projeção militar e estratégica mais regulares). Em segundo lugar, entre os dois países existe mais coexistência ou complementaridade do que concorrência: ambos possuem uma projeção externa semelhante na UE, são complementares na América Latina e não são rivais nem em África (onde Portugal está mais presente) nem na Ásia (onde nenhum está particularmente presente). Como tal, poderia resultar interessante ir além da mera coexistência, tentando identificar maiores oportunidades de cooperação que permitissem, por um lado, abordar as fraquezas da globalização acima referidas, e, por outro, centrar-se nas oportunidades setoriais que se vislumbram nos capítulos da segunda parte deste livro, permitindo assim tirar partido das circunstâncias geográficas, políticas, sociais e económicas em que Espanha e Portugal se inserem.